



12º P&D 2016

CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA
E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN

04 a 07 de outubro de 2016
Belo Horizonte - MG

Blucher Design Proceedings
Outubro, 2016 | num. 2, vol. 9
proceedings.blucher.com.br

O ENSINO DA TIPOGRAFIA NO CONTEXTO DOS CURSOS DE DESIGN: UMA ABORDAGEM QUALITATIVA

Mary Vonni Meürer
Universidade Federal de Santa Catarina
mary.meurer@ufsc.br

Berenice Santos Gonçalves
Universidade Federal de Santa Catarina
berenice@cce.ufsc.br

Resumo: O presente estudo teve por objetivo compreender o contexto do ensino da tipografia nos cursos de design. Os objetivos específicos visavam: traçar um breve panorama do ensino da tipografia no Brasil e analisar, sob a ótica do professor, como o ensino da tipografia é tratado tendo em vista: os conteúdos abordados, as estratégias adotadas e as dificuldades percebidas. Para tanto, a partir de uma abordagem qualitativa, adotou-se a técnica de entrevista aplicada a um grupo de professores vinculados a cursos de design em 7 instituições de ensino superior. Os resultados mostraram que a Tipografia consta como disciplina específica na maioria dos cursos, mas não é abordada como um todo, tendo ênfase a meso e a macrotipografia. As tecnologias não interferem muito na dinâmica do ensino.

Palavras-chave: design, contexto de ensino, tipografia

Abstract: *This study aimed to understand the context of teaching typography in design courses. The specific objectives were to: draw a brief overview typography teaching in Brazil and analyze, from the perspective of the professor, the typography teaching context emphasizing the content addressed, the strategies adopted and the difficulties perceived. Therefore, from a qualitative approach, adopted the interview technique applied to a group of teachers linked to design courses in 7 institutions in Florianópolis and region. The results showed that the Typography listed as specific discipline in most courses, but is not addressed as a whole, with emphasis on meso and macrotipografia. The technologies do not interfere much in the dynamics of education.*

Keywords: *design, teaching context, typography*

1. INTRODUÇÃO

O ensino da tipografia está diretamente relacionado ao ensino do design, principalmente em cursos com ênfase no design gráfico ou comunicação visual. Como observa Heller (2004) ensinar design gráfico antes de ensinar tipografia ao estudante é como esperar que um bebê ande antes de engatinhar. Segundo o autor a tipografia é a língua franca do design gráfico e seu elemento mais importante. Lupton (2013) corrobora ao afirmar que “organizar letras em uma página –ou tela –em branco é o desafio mais básico de um designer”.

Sendo a tipografia tão importante para o design gráfico busca-se identificar neste artigo como ela é abordada nos cursos de graduação em design, partindo do cenário nacional para o regional. Os fatores que impulsionam esta pesquisa são a necessidade de compreender o processo de seleção tipográfica para compor uma pesquisa em desenvolvimento e a possibilidade de troca de informações entre professores de tipografia acerca de suas práticas, formação e percepções. A curiosidade despertada nas pesquisadoras ao identificar estudos sobre o ensino da tipografia em outras regiões do Brasil e a ausência de estudos específicos sobre esta temática em Santa Catarina também motivaram a pesquisa.

Cabe lembrar que o estado de Santa Catarina foi o último da região sul a oferecer formação acadêmica em design, iniciando pela Universidade Estadual de Santa Catarina – UDESC em 1996. Porém discussões, pesquisas e cursos sobre design já aconteciam no estado desde 1984. Destaca-se a criação do Laboratório Brasileiro de Design – LBDI, em Florianópolis. O LBDI foi um esforço conjunto da associação do CNPq, Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina - FIESC e do Governo do Estado de Santa Catarina. Representou uma importante experiência brasileira em Design, fruto da fusão entre pesquisa, ensino e mercado, existindo até meados de 1997. (ALVARES, 2004)

Sobre o ensino do design em Santa Catarina é importante ainda destacar que embora a criação do primeiro curso tenha sido tardia, se comparada a outros estados, houve uma grande expansão e até 2004 já haviam sido criados 16 cursos em todo o estado, superando o Paraná, Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro. (ALVARES, 2004)

A partir do exposto, este estudo teve por objetivo buscar informações sobre o contexto do ensino da tipografia nos cursos de design em Florianópolis e região partindo de uma abordagem qualitativa. Os objetivos específicos visavam: traçar um breve panorama do ensino da tipografia no Brasil e analisar, sob a ótica do professor, o contexto do ensino da tipografia enfatizando os conteúdos abordados, as estratégias adotadas e as dificuldades percebidas.

Como abordagem metodológica qualitativa adotou-se a técnica de entrevista aplicada a um grupo de professores vinculados a disciplinas de tipografia em cursos de design da região de Florianópolis.

2. DESENVOLVIMENTO

O termo tipografia inicialmente definia o processo de impressão por tipos móveis, criado pelo chinês Bí Sheng por volta de 1.040 e aperfeiçoado pelo alemão Johannes Gutenberg na metade do século XV. (LUPTON, 2013) Porém com o passar do

tempo outras definições foram relacionadas ao mesmo termo, como a criação e a utilização de fontes tipográficas.

Atualmente o termo tipografia refere-se ainda ao processo de impressão tipográfica, mas está mais fortemente ligado ao design de tipos e a utilização de fontes tipográficas, tanto no meio impresso quanto no digital. Segundo a definição de Farias (2013) a tipografia envolve tanto práticas relacionadas à criação quanto a utilização de símbolos ortográficos e paraortográficos que se destinam a reprodução.

Stöckl (2005) propõe uma classificação para o que ele considera como domínios da tipografia. Esta classificação corresponde a microtipografia, que refere-se ao design de fontes e signos gráficos; mesotipografia, que envolve a configuração dos signos gráficos em linhas e blocos de texto; macrotipografia, que trata de toda a estrutura do documento e a paratipografia, que abrange os materiais e técnicas para visualização e reprodução da tipografia.

Tanto na definição de Farias (2013) quanto na classificação de Stöckl (2005) percebe-se a abrangência da tipografia e sua importância para o design. Parece óbvio que um curso de design, principalmente com ênfase em design gráfico, precisa abordar a tipografia inclusive em mais de uma disciplina para abranger todo o conteúdo.

2.1 O ensino da tipografia nos cursos de Design

Um marco do ensino do Design no Brasil é, sem dúvida, a criação da Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI a partir do curso da Escola Técnica de Criação – ETC do Museu de Arte Moderna – MAM, no Rio de Janeiro na década de 1960. O currículo da ESDI foi o ponto de partida dos primeiros cursos de design criados no país (ALVARES, 2004). Segundo Anastassakis (2011) “em 1970 o Conselho de Educação reconheceu o currículo esdiano como base para a criação de novos cursos de graduação em desenho industrial em todo o país”.

Gouveia e Farias (2005) observam que embora a tipografia, como método de representação e processo de impressão, constasse na estrutura planejada inicialmente para o curso da Escola de Técnica de Criação – ETC, no currículo implantado na ESDI ela foi considerada apenas como oficina. O que não significa, é claro, que o assunto não fosse abordado em outras disciplinas, como as de projeto.

Os cursos oferecidos em São Paulo, na FAU-USP e na FAAP também contavam com oficinas tipográficas e algum espaço em outras disciplinas para abordar a tipografia, mas sem um conteúdo pré-estabelecido, ficando a critério do professor aprofundar ou não o assunto. (GOUVEIA E FARIAS, 2005)

O mesmo ocorreu no curso de Programação Visual da UFPE na década de 1970 que por iniciativa do professor Guilherme Cunha Lima, abordava alguns aspectos da construção tipográfica através de exercícios de desenho manual. “Durante as décadas de 1980 e 1990, o currículo do curso abordou, esporadicamente, o design de tipos de forma experimental em sala de aula. As fontes não chegavam a ser produzidas, por conta de restrições tecnológicas, e o trabalho ficava restrito à conceituação projetual e ao desenho das letras”. (SILVEIRA, 2014)

Em 1987 foi aprovado um novo projeto para o Curso de Desenho Industrial no Brasil, prevendo duas habilitações: Projeto de Produto e Programação Visual. Também foi definido um currículo mínimo que previa uma formação básica comum às duas habilitações e uma formação profissional específica para cada habilitação. No caso da Programação Visual, ou Comunicação Visual, foram definidas as áreas de Metodologia

Visual, Teoria da Comunicação, Metodologia de Projeto, Ergonomia, Materiais e Processos Gráficos, Produção e Análise Gráfica e da Imagem e Desenvolvimento da Comunicação visual. (ALVARES, 2004)

A Resolução Nº 5, de 8 de março de 2004, ainda vigente, aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design estabelecendo no Art. 5º os conteúdos que o curso de graduação em Design deverá contemplar. Embora a tipografia não constasse como uma área específica entendesse que conteúdos relacionados à comunicação visual deveriam abordá-la. Porém, assim como nos primeiros cursos de design criados, permaneceu a indefinição sobre quais domínios da tipografia deveriam ser abordados.

Em sua dissertação sobre o Design Brasileiro de Tipos Digitais, Ricardo Esteves (2010) fez um levantamento sobre as instituições de ensino que abordavam conteúdos relacionados à tipografia, em disciplina específica ou não, nos cursos de design. A busca feita no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas – INEP em 2009 retornou 102 cursos da área de Programação Visual. Após conseguir contato com 94 destes cursos foram enviados questionários sobre o ensino da Tipografia tendo como retorno 38 respostas. Embora representem menos de 41% dos cursos na época o estudo ajudou a traçar um breve panorama da área, tendo como ênfase da pesquisa o design de tipos.

Entre os resultados obtidos Esteves (2010) destaca que dos 38 cursos apenas 5 não abordavam a tipografia em nenhuma disciplina. Os outros 33 relataram que possuíam de 1 a 3 disciplinas no curso que tratavam do tema sendo que 21 afirmaram possuir uma disciplina exclusivamente dedicada ao Design de Tipos. Segundo Esteves (2010) os números demonstram que não há tendência geral sobre o ensino da tipografia nos cursos de graduação. A pesquisa apontou ainda informações sobre os cursos de especialização no âmbito internacional relatando um crescimento exponencial na área de Design de Tipos especialmente a partir de 1990. No início da década seguinte foram criados cursos de especialização e mestrado na Europa, como o *Master in Typeface Design da University of Reading* na Inglaterra em 2000, *Master in Type&Media* na Royal Academy of Arts na Holanda em 2002 e o *Maestria en Tipografia Avanzada na Universidade Autónoma* de Barcelona, criado na Espanha em 2003. (ESTEVES, 2010)

No Brasil o primeiro curso de especialização em tipografia foi criado em 2013 pelo Centro Universitário Senac, em São Paulo. A mesma instituição também já havia inovado ao oferecer em seu curso de bacharelado em design gráfico, ainda em 1999, três disciplinas de tipografia na sua grade curricular (GOUVEIA E FARIAS, 2005).

Considerando este breve panorama do ensino de tipografia no Brasil e buscando identificar características locais iniciou-se a etapa de pesquisa qualitativa junto a professores de tipografia dos cursos de design e design gráfico.

2.2 Procedimentos Metodológicos

A partir da revisão bibliográfica efetivada que buscou caracterizar a tipografia como campo de estudo e traçar um panorama geral sobre o ensino da tipografia no país no contexto do design gráfico, realizou-se uma pesquisa qualitativa com professores de tipografia de 7 universidades de Florianópolis e região, no estado de Santa Catarina. Adotou-se a técnica de entrevista semi-estruturada.

A pesquisa qualitativa aqui desenvolvida seguiu os 6 passos propostos por Creswell (2010) conforme representa a figura 1.

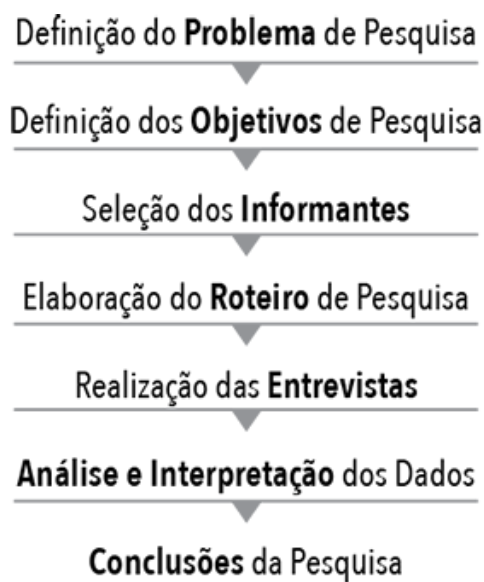


Figura 1: Etapas da pesquisa qualitativa

Fonte: Creswell (2010). Adaptado pela autora.

O universo de informantes foi constituído intencionalmente por seis professores selecionados devido a sua atuação em disciplinas de tipografia ou similares, como projeto editorial, em cursos de graduação em design ou design gráfico de universidades públicas e privadas de Florianópolis e região. Segundo Creswell (2010) a seleção intencional de participantes, locais ou documentos está na base da entrevista qualitativa.

Conforme recomendação de Taylor e Borgman (1984) os objetivos da pesquisa não foram detalhados aos informantes e aos guardiões, neste caso os coordenadores de curso. Foi apresentado apenas o tema da pesquisa: O ensino da tipografia nos cursos de graduação em design.

As entrevistas presenciais foram realizadas em locais variados, dependendo da disponibilidade dos professores. A proposta inicial era que todas as entrevistas fossem realizadas presencialmente, porém devido a conflitos de horário e à distância, no caso do professor da região sul de Santa Catarina, duas entrevistas foram conduzidas utilizando a ferramenta Skype®. O informante 3 e o informante 4 foram ouvidos por meio desta ferramenta. Devido a problemas de conexão as entrevistas precisaram ser interrompidas algumas vezes e também houve mais dificuldade posteriormente para fazer as transcrições em decorrência de alguns ruídos.

Como Protocolo de Entrevista (CRESWELL, 2010) foi organizada uma página contendo o resumo disponível no Currículo Lattes de cada informante e o roteiro da entrevista, assim já era possível confirmar as informações sobre o currículo de cada um. Também fez parte deste protocolo informar aos professores que seus nomes bem como as instituições aos quais pertencem não seriam divulgados, pois, como observa Creswell (2010), na pesquisa qualitativa os investigadores devem usar nomes falsos ou pseudônimos para os indivíduos e os locais, para proteger as suas identidades.

As perguntas realizadas durante as entrevistas foram definidas a partir de 5 eixos principais como mostra o quadro 1.

Quadro 1 – Eixos temáticos da entrevista

EIXO	DESCRIÇÃO
1 Formação do professor	Formação acadêmica. Experiência profissional. Relação direta com a tipografia.
2 Disciplina	Disciplinas relacionadas a ensino da tipografia. Posição na grade curricular do curso.
3 Conteúdos e estratégias	Conteúdos abordados na disciplina. Estratégias de ensino adotadas.
4 Seleção tipográfica	Dificuldades observadas nos alunos ao selecionar tipos. Abordagem do professor sobre o processo de seleção.
5 Sobre os alunos	Interesse dos alunos sobre tipografia Dificuldades observadas pelos professores

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base na pesquisa realizada.

Seguindo estes mesmos eixos, as respostas e também os comentários espontâneos dos informantes foram posteriormente sintetizados e agrupados, facilitando assim a etapa de análise e interpretação de dados. A função destes eixos também era facilitar o agrupamento das respostas em um quadro de síntese na etapa de análise dos resultados.

Cabe destacar que o processo de seleção tipográfica foi incluído na pesquisa por se tratar de uma área específica de interesse das pesquisadoras dentro da tipografia. O objetivo foi identificar como este processo, que é um dos iniciais no desenvolvimento de um projeto gráfico, era percebido pelos professores no contexto acadêmico.

2.3 Resultados e discussões

As questões da entrevista semi-estruturada foram organizadas de acordo com 5 eixos principais para organizar as perguntas-chave que deveriam ser feitas. Reforçando que por tratar-se de uma entrevista semi-estruturada as perguntas correspondentes a cada eixo foram feitas de acordo com o ritmo da conversa, dando espaço para o entrevistado apresentar seus argumentos de acordo com a sua linha de raciocínio, trazendo inclusive outras contribuições.

O quadro 2 sintetiza as informações levantadas no eixo 1, sobre a formação do professor e ajuda a caracterizar os entrevistados para melhor compreensão das demais informações.

Quadro 2 – Caracterização dos Entrevistados

ENTREVISTADO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	FORMAÇÃO DO PROFESSOR
1	Professora da instituição pública A, como substituta, e da instituição privada B.	Graduação em Ciência da Computação e Design Gráfico. Mestrado em Ciência da Computação. Sócia e diretora de criação em escritório de Design.
2	Professor das instituições privadas C e D e ex-professor substituto da instituição pública E.	Graduação em Design Gráfico com especialização em Gestão do Design. Mestrado em Design e Expressão Gráfica. Antes de iniciar a carreira acadêmica desenvolvia projetos de identidade visual.

3	Professor da instituição privada F e ex-professor substituto da instituição pública E.	Graduação em Educação Artística - Licenciatura em Artes Plásticas Especialização em Design de Produto e Mestrado em Design Gráfico - Hipermídia. Trabalhou durante 10 anos desenvolvendo principalmente projetos de embalagem.
4	Professor da instituição privada G, no sul de Santa Catarina	Graduação em Publicidade e Propaganda, mas com atuação profissional e especialização em Design Gráfico. Concluindo mestrado em Ciências da Linguagem. Desenvolve projetos autorais na área de design gráfico.
5	Professora da instituição privada B.	Graduação em Design com habilitação em Programação Visual e com Mestrado em Design e Expressão Gráfica. Trabalhou em estúdio de design e editora, com experiência em design editorial e ambientação.
6	Professor titular da instituição pública E e ex-coordenador da instituição privada B.	Graduação em Desenho Técnico, com Mestrado na área de Gestão do Design e do Produto e Doutorado Em Mídia e Conhecimento. Antes de iniciar a carreira acadêmica trabalhava em editora.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base na pesquisa realizada.

Observa-se que todos os informantes possuem formação em design gráfico, na graduação ou na pós-graduação. Também é comum a todos a experiência profissional na área de design. As repostas dos informantes foram comparadas e organizadas de acordo com os eixos temáticos. O quadro 3 mostra a síntese dos resultados que são detalhados em seguida.

Quadro 3 – Síntese dos Resultados das Entrevistas.

EIXO 1: FORMAÇÃO DO PROFESSOR	EIXO 2: DISCIPLINA	EIXO 3: CONTEÚDOS E ESTRATÉGIAS	EIXO 4: SELEÇÃO TIPOGRÁFICA	EIXO 5: SOBRE OS ALUNOS
Todos possuem formação em Design Gráfico, na graduação ou na pós-graduação. Atuam ou já atuaram na área de Design Gráfico (editorial, web, embalagem e identidade visual).	Está no início do curso apenas na instituição A, nas demais acontece entre a 4ª ou 5ª. Em duas instituições o conteúdo é ministrado em outras disciplinas.	Em todas as instituições a ênfase é na meso e na macrotipografia (design com tipos). A microtipografia (design de tipos) é abordada como estratégia para que o aluno possa compreender melhor a tipografia. Não aplicação de recursos digitais de forma significativa.	Foi apontada como uma das principais dificuldades dos alunos. Os alunos procuram “receitas prontas” e não querem arriscar. Os professores recomendam alguns aspectos que devem ser observados, mas sem uma sistematização.	Uma professora relacionou o interesse pela micro ou macrotipografia de acordo com a aptidão do aluno para ilustração ou editorial. De uma forma geral os professores consideram que os alunos se interessam mais pelos aspectos pragmáticos do que semânticos da tipografia.

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base na pesquisa realizada.

A respeito do eixo 2 é possível fazer algumas considerações sobre a importância da tipografia no contexto dos cursos de Design em Florianópolis e no sul

do estado. Primeiramente observou-se que, com exceção da instituição A, onde a disciplina está no primeiro ano do curso, nas demais os conteúdos de tipografia só são dados a partir da quarta ou quinta fase.

Segundo apontado pelos professores os alunos desenvolvem projetos de design antes mesmo de ter contato com a tipografia, o que compromete de certa forma o resultado destes trabalhos e também pode levar a impressão de que a tipografia é algo secundário. O comentário do informante 2 reflete bem esta questão.

“Teria que ser uma disciplina de segundo, no máximo terceiro período. Teria que ser uma coisa para o cara levar já pra frente para os próximos processos, ele não ter que pensar, ou melhor pensar com maior velocidade sobre a tipografia e já saber os caminhos. Pois quando fica para o final, no quarto ou quinto período, é muito depois do pessoal já ter passado por muita coisa. Parece que a tipografia é uma curiosidade do design, é uma sensação que eu tenho até com os alunos.”

Além de haver uma apresentação tardia do conteúdo em alguns cursos, como nas instituições F e G, não há uma disciplina específica de tipografia. Nesse caso o conteúdo é ministrado dentro de outras disciplinas, Projeto Gráfico na instituição F e Editoração Gráfica e Materiais e Processos na G.

O informante 4 explicou que na instituição G foi oferecida uma disciplina optativa de Tipografia no primeiro semestre de 2014, justamente com a intenção de confirmar a necessidade de ampliar a grade curricular do curso e perceber o interesse dos alunos. De acordo com o professor a aceitação foi muito boa e a disciplina deve ser integrada em breve ao curso de design. O professor relatou que

“Tinha alunos de várias fases, o retorno que eles deram foi muito bom. Eles acharam que é relevante, que realmente faltava dentro da grade, então a gente percebeu que se torna uma matéria muito importante no curso de design.”

Outra constatação que merece ser destacada é a existência de duas disciplinas de Tipografia no curso de Design Gráfico da Instituição B. As disciplinas de Tipografia Aplicada 1 e 2 estão diretamente relacionadas as projetos Editorial e de Identidade Visual respectivamente.

Trata-se de uma situação ímpar entre as demais instituições da região e que pode significar uma maior importância dada pela instituição B, representada na fala do informante 6 que foi um dos responsáveis pela elaboração do currículo e também coordenador do curso durante sua fase inicial.

“Dentro da minha experiência eu acho que tem que ter a disciplina de tipografia, apresentar conceitos, questão de construção de uma tipografia, até mesmo isso. Criar um alfabeto inteiro, saber quais são as características formais. E depois ter um tempo pra saber aplicar. Tanto aplicar na mídia impressa, quanto na digital, acho que faltava isso.”

Cabe destacar que o informante 6 antes de iniciar a carreira acadêmica trabalhava no mercado editorial, daí a experiência que o levou a valorizar a tipografia como conteúdo fundamental para o design.

A relação entre a formação do professor, o conteúdo e estratégias adotadas na disciplina fica evidente ao comparar as perguntas do eixo 1 com as perguntas do eixo 3. No caso do informante 3 a formação em Artes se reflete claramente na sua percepção em relação a tipografia, levando-o a trabalhar o conteúdo de forma mais expressiva e semântica. Conforme seu relato:

“Quanto vejo um tipo não vejo um F ou G, a relação entre figura e fundo gera uma imagem com conteúdo. Como eu venho dessa tradição das artes visuais a minha relação com a tipografia é bem sinestésica, ela sempre me diz algo além do que se está escrevendo.”

Conforme observado no quadro 2 os seis professores entrevistados já atuaram ou continuam atuando no mercado de design gráfico e a sua relação com a tipografia se estabelece nesta prática, refletindo também na forma como os conteúdos são apresentados em sala de aula.

A informante 5, por exemplo, relatou que prefere levar materiais gráficos reais para os alunos analisarem e também traz exemplos de editoras e outras empresas e profissionais que se destacam no mercado.

Ainda sobre o conteúdo e as estratégias de ensino, os informantes 1, 2 e 4 realizam atividades de desenho de fontes tipográficas, ainda que não possam gerar os arquivos de fonte devido a falta de software específico, como estratégia para fazer com que o aluno perceba a dificuldade de criar uma fonte e possa ser mais crítico ao avaliar as fontes já existentes. Ambos os informantes afirmaram que percebem uma evolução na capacidade de análise do aluno após passar por esta experiência.

Buscando identificar novas possibilidade de uso de ferramentas web e outros recursos digitais foi perguntado aos professores se usavam algum recurso diferenciado nas disciplinas. Neste sentido não parece haver ainda uma aplicação mais inovadora de recursos, limitando-se a disponibilização de arquivos por meio de ambientes virtuais das próprias instituições ou de terceiros, como Google Drive® e Dropbox®.

Durante as entrevistas os informantes citaram autores que costumam trabalhar em suas disciplinas. Destaca-se que os autores Ellen Lupton e Robert Bringhurst foram citados pela maioria dos professores. A seguir a relação completa de autores e livros citados.

Robert Bringhurst –Elementos do Estilo Tipográfico, **Ellen Lupton** –Pensar com Tipos e Novos Fundamentos do Design, **Lucy Niemeyer** –Tipografia: uma apresentação, **Erik Spiekermann** –A linguagem invisível da tipografia, **Robin Williams** –Design para Quem não é Designer, **Ina Saltz** –100 Fundamentos da Tipografia, **Claudio Rocha** –Projeto Tipográfico, **Wolfgang Weingart** – Como fazer Tipografia Suíça, **Timothy Samara** –Guia de Tipografia, **Maria Helena Werneck Bomeni** –Os manuais de desenho da escrita, **Simon Garfield** –Esse é meu tipo, **Hans Peter Wilberg e Friedrich Forssman** – Primeiros Socorros em Tipografia, **Norberto Galdêncio Junior** –A Herança Escultórica da Tipografia e **Milton Ribeiro** –Planejamento Visual Gráfico.

Considerando a bibliografia citada e também os relatos dos informantes sobre as experiências com a criação de fontes tipográficas apenas como exercício parcial, percebe-se que o design de tipos–microtipografia não é enfatizado em suas disciplinas, tendo maior abordagem portando na utilização dos tipos –meso e macrotipografia.

Sobre o eixo 4, que trata do processo de seleção tipográfica, foi perguntado aos entrevistados se os alunos apresentavam dificuldade em selecionar e combinar as

fontes em um projeto tipográfico e os informantes foram unânimes ao afirmar que esta é uma das principais, ou a principal dificuldade dos alunos na disciplina de tipografia. A fala do informante 4 evidencia tal aspecto:

“O que eu percebi de maior dificuldade era na questão de combinar os tipos. Como escolher um tipo para título e outro para corpo de texto. Essa combinação de escolher tipos diferentes talvez tenha sido a maior dificuldade deles.”

Os professores também comentaram suas estratégias para orientar os alunos neste sentido. A informante 1, por exemplo, recomenda que os estudantes questionem qual material será produzido, a mensagem que será passada, a anatomia da fonte, significado histórico e a percepção do público.

O informante 6 enfatiza a questão da qualidade da fonte, o desenho propriamente. Ele relata que

“Quando eu falo pra eles escolherem uma fonte, oriento que devem pegar a fonte, digitar pelo menos o alfabeto, e dar um zoom, visualizar, ver o desenho da fonte, se está bem desenhada. As vezes é uma tipografia pirata e eles visualizam pequeninha. Eu peço pra eles aumentarem a fonte pra fazer um diagnóstico. Eles não fazem isso, querem escolher a fonte só digitando ali. Outra coisa, fazer texto impresso. Eles quase não fazem.”

De acordo com a informante 5 os alunos buscam fórmulas prontas, ou seja, esperam que o professor indique as fontes e as possíveis combinações, ou autores que determinem isso. A professora enfatiza que

“Eles querem uma fórmula pronta, 90% deles querem que assim, se você tiver uma revista que fale sobre moda você usa tal conjunto de famílias, se você tem uma revista de futebol você usa esse conjunto. Eles esperam isso.”

Esta insegurança também fica evidente no relato do informante 6 ao comentar que os alunos repetem muitas vezes as fontes ou as combinações para evitar possíveis erros, eles preferem não arriscar, o que compromete a criatividade.

“Outra coisa é a questão de combinação. Parece que chega uma hora ali que eles tem que combinar 2 ou 3 fontes, eles colocam 2 serifadas, uma parecida com a outra. Ou então parece que não desperta a criatividade. Eles colocam a mesma tipografia em tudo para não errar.”

O último eixo de interesse da pesquisa foi direcionado a percepção que os professores tem sobre as dificuldades e o interesse dos alunos pela tipografia. A informante 1, que leciona em duas instituições diferentes, uma pública e outra privada, com disciplinas que trazem abordagens diferentes inclusive pela posição que ocupam na grade curricular dos cursos, considera que a diferença maior está no perfil do próprio aluno. Primeiro pelo tempo disponível e comprometimento com os estudos, já que os alunos da instituição A que é pública e tem aulas no período matutino, dispõem de mais tempo e estão mais focados no curso de uma forma geral, o que reflete no seu interesse pela tipografia. A professora relaciona o interesse do

aluno pela área do design de tipos e do design com tipos de acordo com suas habilidades.

“O aluno ilustrador gosta da parte imagética da tipografia, vai desenhar fonte, faz os esboços, se engaja e acha mais chato fazer a análise de um a peça gráfica, por exemplo. Já o aluno com perfil editorial quando chega na hora de fazer o desenho de fonte fica desesperado, diz que não sabe desenhar nada. Então depende do perfil do aluno.”

O informante 3 destaca a falta de interesse dos alunos pelos aspectos semânticos da tipografia. Segundo a percepção do professor os alunos se preocupam mais com as questões pragmáticas, relacionando a tipografia apenas ao processo de leitura.

“Eles vêem a tipografia como escrita, como suporte para texto, algo que eles podem escrever de uma maneira bem rápida, não precisa se preocupar. Eles só querem saber que o texto tem que estar organizado e tem que ser lido por alguém. A tipografia sugere isso pra eles, a leitura de um texto, de uma palavra, mas eles não estabelecem uma importância semântica.”

De uma forma geral constatou-se que as percepções dos professores se complementam principalmente nas repostas relacionados ao eixo 4, sobre seleção tipográfica e ao eixo 5, sobre os alunos. O quadro 3 apresenta a síntese dos resultados das entrevistas.

3. CONCLUSÃO

Comparando as informações coletadas durante as entrevistas com a fundamentação teórica percebe-se que o ensino da tipografia em Florianópolis vai de encontro ao panorama nacional traçado na pesquisa de Esteves (2010). Em ambos os casos a tipografia consta como disciplina específica na maioria cursos de design gráfico, mas a sua configuração varia podendo ser ofertada em diferentes etapas do curso, com conteúdos e estratégias definidas de acordo com percepção dos professores.

Em relação à importância da disciplina nos cursos de design conclui-se que, de acordo com o relato dos professores, esta deveria ser ofertada na fase inicial dos cursos. Desta forma os alunos poderiam aplicar os conceitos já nos primeiros projetos e possivelmente iriam perceber melhor a relevância da tipografia, não só em projetos editoriais, mas em todas as áreas de atuação.

Quanto ao conteúdo abordado constatou-se maior ênfase nas questões que se referem à utilização dos tipos em projetos de design gráfico, que corresponde a meso e a macrotipografia. Porém, cabe ressaltar que participaram 6 informantes representando 7 instituições de ensino o que não corresponde a totalidade dos cursos oferecidos em Florianópolis e região e nem de professores envolvidos com o ensino da tipografia.

Sobre a técnica de entrevista semi-estruturada os aspectos negativos foram a dificuldade de agendar um horário com os professores e encontrar um local apropriado, reservado e silencioso. Também foi trabalhoso o processo de transcrição e a análise dos dados, mas a organização por eixos facilitou muito esta etapa. Como aspectos positivos destaca-se a colaboração dos professores com comentários muito

pertinentes e pontuais, além da rica troca de experiências que não seria possível com a aplicação de questionários, por exemplo.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, Maria Regina. **Ensino do Design: A Interdisciplinaridade na Disciplina de Projeto em Design**. Florianópolis, UFSC, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2004.
- ANASTASSAKIS, Zoy. **Triunfos e impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e a institucionalização do design no Brasil**. /Zoy Anastassakis. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2011.
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- ESTEVES, Ricardo. **Design Brasileiro de Tipos Digitais: Elementos que se articulam na formação de uma prática profissional**. Dissertação. Escola Superior de Desenho Industrial. Rio de Janeiro, 2010.
- FARIAS, Priscila Lena; GOUVEIA, Anna Paula Silva; OLIVEIRA, José Alves. **Tipografia e design gráfico: um relato de uma experiência didática**. In: 3o Congresso Internacional de Pesquisa em Design, 2005, Rio de Janeiro.
- FARIAS, Priscila Lena. **Tipografia Digital: o impacto das novas tecnologias**. 4ª ed. Teresópolis: 2AB, 2013.
- HELLER, Steven. **The education of a typographer**. New York: Alworth Press, 2004.
- LUPTON, Ellen. **Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editors estudantes**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco (CA): Jossey-Bass. 1998.
- NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: Origem e Instalação**. Rio de Janeiro: 2AB, 2007
- SILVEIRA, Aline. **Design de tipos em Pernambuco: estudo de uma situação de ensino**. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.
- STÖCKL, Hartmut. **Typography: body and dress of a text – a signing mode between language and image**. In: Visual Communication, v. 4, n.2, p.204-214, 2005
- TAYLOR, Steven; BOGDAN, Robert. **Introduction to qualitative research methods : the search for meaning**. New York: Wiley, 1984.